

Imagens sobre nós mesmos: Nação, raça e educação na Colômbia¹

Martha Cecilia Herrera²

Ya se ha llegado a comprender en América que aquí como en el mundo entero el fruto de los pueblos no es el pan, ni es el hierro, ni el oro; el verdadero fruto de los pueblos son los hombres. Queramos producir hombres y lo demás nos vendrá por añadidura.

En la América, como lo dijo Alberdi, “gobernar es poblar”; pero poblar regenerando.

Miguel Jiménez López.

Resumo: No ano de 1920, no Teatro Municipal de Bogotá, teve lugar uma série de conferências sobre a raça, convocadas pela Assembléia de Estudantes dessa cidade. Este evento teve ampla repercussão na opinião pública, congregando os intelectuais mais destacados da época. Ali foram expostas as diversas representações que tinham as elites sobre a nação colombiana, suas relações com a raça e com a educação, tendo como pano de fundo os esforços feitos pelas elites para consolidar o Estado-nação e difundir a idéia do *nacional*. No presente trabalho vamos nos deter na análise das intervenções que tiveram lugar nesse cenário, as imagens que se difundiram sobre a construção da nação, o lugar que ocupavam os diversos setores sociais, assim como a função social que se deu à educação.

Palavras-chave: Colômbia-História da educação/Estado-nação/ Raça/Educação/Cultura Política

Abstract: By 1920 a series of readings about race took place at Municipal theater in Bogota. They were called by the students Assembly of this city. This event had a great reach among the public opinion, meeting the most important intellectuals in the period. The different representations were displayed there that the elite had on the Colombian nation, its relationships, with race and with education, having as background the efforts made by the elite in order to consolidate the state-nation and to spread the idea about “national” In

¹ Este artigo é parte das atividades relacionadas com o projeto sobre Educação e Cultura Política na Colômbia, apoiado pela Universidad Pedagógica Nacional, Bogotá, Colômbia.

² Professora Associada, Departamento de Pós-graduação, Universidad Pedagógica Nacional.

this paper we are going to halt to analyze the interventions that took place in this scenario, the images spread over the construction of the nation, the place occupied by the different social sectors, as well as the social croll given to education.

Descriptors: Colombia – History of Education/ State-nation / Race/ Education /Political Culture.

Imagens pontilhistas: a sociedade da época.

No ano de 1920, no Teatro Municipal de Bogotá, teve lugar uma série de conferências sobre a raça, convocadas pela Assembléia de Estudantes dessa cidade. Este evento teve ampla repercussão na opinião pública congregando os intelectuais mais destacados da época. Ali foram expostas as diversas representações que tinham as elites sobre a nação colombiana, suas relações com a raça e com a educação, tendo como pano de fundo os esforços feitos pelas elites para consolidar o Estado-nação e difundir a idéia do *nacional*. No presente trabalho vamos nos deter na análise das intervenções que tiveram lugar neste cenário, as imagens que se difundiram sobre a construção da nação, o lugar que ocupavam os diversos setores sociais, assim como a função social que se deu à educação.

Estas inquietações tinham seus antecedentes imediatos nas transformações operadas no século XIX, relacionadas com a maior unificação mundial provocada pelo desenvolvimento do capitalismo industrial, ao mesmo tempo em que impõe-se o Estado-nação como o conceito político que articula as relações entre as diferentes forças locais e mundiais. Este fenômeno trouxe o que Hobsbawm tem nomeado como a *criação artificial de nações*³, na medida em que processos que obedeciam a dinâmicas diferentes e que tinham dado lugar por um lado, à existência de estados e, por outro, à de nações, tiveram que convergir unificando culturas e tradições diferentes. Igualmente, impuseram-se unidades territoriais que em muitos dos casos superpuseram-se aos processos anteriores, assim como a definição de uma língua oficial, a *língua nacional*, além dos dialetos existentes. As elites empreenderam um processo de criação de *imaginários nacionais*⁴ para dar legitimidade às novas unidades políticas, promovendo, além disso, a invenção de tradições⁵ sobre as quais se construiu um entrançado que permitiu a apropriação de tradições culturais antigas e/ou a criação de novas, formando um amálgama que pretendeu adquirir o estatuto do *natural*, isto é, do que tem existido *desde sempre* e que, agora, será articulado em torno aos estados nacionais.

No caso da Colômbia, apesar dos esforços feitos no século XIX por consolidar a nação, uma vez obtida a independência da Espanha em 1819⁶, as fragmentações geográficas

³ Hobsbawm, *La era del capitalismo (1848-1875)*, Barcelona: Labor universitaria, 1989, p. 84.

⁴ Benedict Anderson, *L'imaginaire national: Réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*, Paris: La Découverte, 1996.

⁵ Eric Hobsbawm e Terence Ranger (org.), *A invenção das tradições*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁶ Inicialmente constituiu-se a Grão Colômbia no ano de 1819, com base nos territórios da Nova Granada, Audiência de Quito e a Capitania Geral de Venezuela; esta união terminou em 1830, com a separação de Venezuela e Equador, ficando a Colômbia constituída, em termos gerais, pelo que anteriormente era a Nova Granada.

cas, a ausência de um mercado interno, a inexistência de elites nacionais, fizeram com que não se delineasse um perfil claro da nação, fruto do consenso entre as elites e da conformação de uma opinião pública nucleada em torno aos elementos que deveriam articular a identidade nacional. Depois de muitas guerras civis e de diferentes tentativas de organização institucional, a constituição de 1886 estabeleceu os pilares básicos em que se apoiarão as diretrizes da nação durante boa parte do século XX: regime presidencial forte, centralização política, consagração da religião como parte da identidade nacional e organização da educação sob sua égide. Não obstante, as regras do jogo não ficaram claras entre as elites no que diz respeito à repartição do poder político, o que foi um dos motivos que conduzem à *Guerra de los Mil Días*⁷.

Desta maneira, as primeiras décadas do século XX surpreenderam a Colômbia recuperando-se da mais cruenta das guerras civis, a dos mil dias, ocorrida entre 1899 e 1902, depois da qual o país perdeu a Panamá, devido à intervenção norte-americana solicitada pelo presidente conservador José Manuel Marroquín para pôr fim à rebelião liberal nesse departamento; isto, em troca de negociações favoráveis aos interesses dos Estados Unidos na construção de um canal interoceânico nesse território⁸. O país perdeu, além disso, boa parte dos seus habitantes já que muitos engrossaram os exércitos dos humildes e morreram em nome dos ódios partidários, cifra que calcula-se em uns 100.000 mortos⁹. Várias das escolas serviram como quartéis e um bom número de professores formados nos métodos modernos, como parte da reforma educacional de 1870 e da missão pedagógica alemã de 1872¹⁰, sucumbiu ou mudou de ofício durante as guerras civis. Ao mesmo tempo, as elites faziam esforços por se articular, à luz das novas transformações econômicas e políticas, que tinham dado lugar a novos pólos de poder regional, deslocando, além disso, os velhos caudilhos militares a favor de uma classe civilista que deixava entrar em cena uma nova burguesia liberal¹¹.

Com o passar dos anos, transformações econômicas refletidas na estabilidade do café como principal produto de exportação, o investimento em obras de infra-estrutura e em indústrias manufatureiras, o logro de certo consenso entre as elites a partir das reformas de 1910 (as quais deram possibilidade de expressão política às minorias liberais), assim como a introdução de outros elementos associados com a modernização, tais como água corrente, luz elétrica, comunicações telegráficas e telefônicas, conduziram à criação, entre as elites, de um imaginário que acreditava no advento de uma época de bonança e de desenvolvimento sem fim. Sensação que será mais forte, entre 1923 e 1928, com a entrada de capitais provindos dos investimentos estrangeiros e da indenização do canal do Panamá, entre outros aspectos, o que permitiu falar

⁷ Jorge Orlando Melo, "La constitución de 1886", em Alvaro Tirado Mejía (director), *Nueva historia de Colombia: historia política 1886-1946*. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial, 1989.

⁸ Jorge Villegas y José Yunis, *La guerra de los mil días*, Bogotá: Carlos Valencia editores, 1978.

⁹ Alguns consideram que esta cifra representa quase a terceira parte da população no período. Ver: David Bushnell, *Colombia: una nación a pesar de sí misma*, Santafé Bogotá: Planeta, 1996, p.210.

¹⁰ Jane Rausch, *La educación durante el federalismo. La reforma escolar de 1870*, Santafé de Bogotá: Universidad Pedagógica, Instituto Caro y Cuervo, 1993.

¹¹ Marco Palacio, *El café en Colombia, 1850-1970. Una historia económica, social y política*, Bogotá: Colegio de México-Ancora Editores, 1983.

de um período conhecido como “a dança dos milhões”¹². Por estes anos parecia que os tempos das guerras civis estava distante e até se falava da “tradição civilista do país”, uma vez que se retomava a discussão sobre a identidade nacional, o papel que desempenhavam as distintas forças sociais e o peso que deveriam ter as diferentes etnias e culturas regionais.

Porém, este imaginário estava atravessado por muitos aspectos que confrontavam as imagens otimistas de harmonia, crescimento contínuo e melhoramento das condições de vida da população. Por um lado, os processos de expansão das cidades e as tensões sociais geradas nos campos atraíam massas de migrantes para as cidades à procura de trabalho, nas obras de infra-estrutura empreendidas pelo Estado e nos novos ofícios que a cidade proporcionava. Em lugares como Medellín, Cali, Barranquilla, Bogotá – novos pólos de poder regional, a configuração social das cidades mostrará a apropriação desigual dos novos bens e serviços, que se apresentam como a panacéia do progresso e do bem-estar. Assim, enquanto as elites podem falar da chegada dos serviços públicos a suas casas, tais como água, luz e telefone¹³, e da introdução de novas modas estéticas e arquitetônicas, outros setores sociais debatem-se entre a fome, a falta de trabalho e o desarraigamento cultural, ao mesmo tempo que suas moradias são construídas sem maior planejamento, sem serviços básicos, sendo deslocados cada vez mais para a periferia das cidades¹⁴.

Por outro lado, a criação de um mercado interno tinha como obstáculo os costumes e hábitos de consumo da população, ao mesmo tempo que os processos produtivos e os ritmos da cidade requeriam novas noções sobre o manejo do tempo e do espaço. Esta situação conduz o Estado a traçar estratégias para intervir na população, tentando homogeneizar e regular seu comportamento e seus costumes, segundo o ritmo das sociedades industriais, uma vez que se pretendia propagar a idéia de que esta série de controles sobre a vida social e pessoal fazia parte de uma trama chamada pátria, nação, da qual participavam todos os integrantes do território colombiano.

O período agita-se com inúmeros movimentos sociais provindos de ligas camponesas e de setores indígenas que lutam pela terra e/ou por melhores condições de trabalho, da mesma forma que o fazem os incipientes setores operários, os artesãos e os trabalhadores dos enclaves estrangeiros de banana e petróleo¹⁵. Novas formas políticas tomam

¹² Jorge Orlando Melo, “De Carlos E. Restrepo a Marco Fidel Suárez Republicanismo y gobiernos conservadores; Germán Colmenares, “Ospina y Abadía: la política en el decenio de los veinte”, em Alvaro Tirado Mejía (director), *Nueva Historia de Colombia: historia política 1886-1946*. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial, 1989.

¹³ A luz elétrica foi instalada em Barranquilla em 1892, em Medellín em 1898 e em Bogotá em 1900. O telefone chega a Bogotá e a Barranquilla em 1884, sendo instalado, inicialmente, para uso dos escritórios públicos; em 1910 as principais cidades contam com algumas centenas de telefones. De outro lado, desde o começo do século fazem-se os primeiros estudos para construção de esgotos. Ver: Patricia e Santiago Londoño, “Vida diaria en las ciudades colombianas”, em Alvaro Tirado Mejía (director), *Nueva Historia de Colombia: educación y ciencia, luchas de la mujer, vida diaria*. Bogotá: Planeta Colombiana Editorial, 1989, pp. 313-399.

¹⁴ Mauricio Archilla Neira, *Cultura e identidad obrera: Colombia 1910-1945*, Santafé de Bogotá: Cinep, 1991, pp. 56-70; Marco Palacios, *Entre la legitimidad y la violencia: Colombia, 1875-1994*, Santafé de Bogotá: Norma, 1995; Osorio Lizarazo, J.A. *Novelas y crónicas*, Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura, 1978.

¹⁵ Ignacio Torres Giraldo, *Los inconformes*, Bogotá: Margen Izquierdo, 1973; Gonzalo Sánchez, *Las ligas campesinas en Colombia*, Bogotá: Tiempo presente, 1977; Victor Manuel Moncayo y Fernando Rojas, *Luchas obreras y política laboral en Colombia*, Bogotá: La Carreta, 1978.

corpo, tratando de expressar pontos de vista alheios aos dos partidos tradicionais, apoiados nas experiências internacionais socialistas e no triunfo da revolução russa¹⁶. Os setores estudantis percorrerão as ruas exigindo reformas educacionais, à procura de maior coerência entre os distintos níveis de formação, assim como da quebra de padrões de ensino autoritários, e discutindo também outros assuntos de caráter nacional de interesse da opinião pública referentes a problemas de ordem econômica e política, às relações internacionais, à introdução de novos modelos culturais e a novas formas de participação política¹⁷.

As reflexões em torno aos planos que deveriam guiar a reordenação institucional do país, ao papel dos diversos setores que o integravam e, em linhas gerais, sobre a constituição de um imaginário nacional que conseguisse articular os distintos elementos que podiam aglutinar o país como unidade política e cultural, provieram, em boa parte, de setores intelectuais que desde o início do século empreenderam a tarefa de *pensar o país*, indicando os novos cenários a partir dos quais se deveria gerar o perfil moderno da nação. Médicos, advogados, engenheiros, educadores, periodistas, sacerdotes irão elaborando, sob diversos ângulos, interpretações sobre a realidade nacional, nas quais se misturaram, de forma contraditória, a fé cega num porvir que parece estar apoiado sobre os frágeis pilares de um presente confuso, e um passado que não se sabe muito bem como recuperar. Elaboraões que, de uma maneira ou outra, vão encontrar formas de expressão no delineamento de políticas macro-sociais e também setoriais nos campos da cultura, educação, higiene, saúde, habitação, entre outros, ao longo da primeira metade do século XX.

Nação, raça, povo: imagens que se entretecem.

O debate sobre o que era a república, a nação, estava atravessado pelas definições que se formulavam sobre a população, seus diversos componentes e sua participação no projeto político de modernização. As diferentes representações em torno à nação vão se mover em dois planos. Um deles faz alusão à nação como noção política abstrata, na qual o conjunto da sociedade colombiana compõe um todo orgânico, sem considerações de classes ou de etnias, onde tudo parece estar construído ao redor de uma idéia harmônica de sociedade, na qual a classe política tem o dever de avivar o processo de modernização. É também nesse plano que se faz menção às tradições que devem ser resgatadas: a religião, a língua, o território, entre outros aspectos. O outro plano faz referência à nação e seus diversos integrantes e parte de uma clara diferenciação entre as elites e a população, identificando-se esta última a um conglomerado com carências sociais e culturais cuja situação cabe às elites solucionar. Nesta dimensão deixam-se entrever as contradições presentes no projeto político de modernização, expressadas, de um lado, na idéia de integrar social e politicamente a população, tendo como eixo a noção de cidadania e, do outro, os obstáculos e limitações impostos a essa participação.

Muitas das representações em torno da idéia de nação vão se ligar intimamente com a idéia de raça, devido, em parte, a uma tradição colonial na qual tinha-se constituído a socie-

¹⁶ Em 1919 criou-se o Partido Socialista, em 1926 o Partido Socialista Revolucionário, em 1930 o Partido Comunista.

¹⁷ *El Tiempo*, Bogotá, marzo 30, mayo 14 y 17 de 1920.

dade por castas e por raças e onde, hierarquicamente, a raça branca encontrava-se na cúspide e as raças negra e indígena na base; o que permitiu o surgimento de um processo de discriminação social que coincidia com o racial e, ainda que existissem brancos pobres, a idéia de formação da sociedade, e sua legitimação a partir de cima, estava fundamentada na idéia de uma sociedade branca européia. Nesta estrutura social até os brancos nascidos na América, *os crioulos*, eram discriminados pelos espanhóis, sendo excluídos do poder político por terem sangue da terra.

Assim, quando se dá a independência na América Latina, o processo de construção da nação, como afirma Benedict Anderson, não ocorre através da legitimação da maioria da população, enquanto cidadãos, mas fundamentalmente da elite *crioula* e seu acesso ao poder político¹⁸. Da mesma forma, a nação começa a ser pensada sobre as bases de uma democracia que, em certas ocasiões, é concebida como *branca*, fiel ao modelo de progresso e modernidade difundido pelo ocidente e, em outras, como *crioula* e/ou *mestiça*, buscando-se a peculiaridade das sociedades latino-americanas. Todavia, como menciona Peter Wade, a idéia do mestiço é uma idéia que se desloca para o “branqueamento da sociedade” como ideal e que privilegia, portanto, no espectro cromático produzido pela miscigenação, as tonalidades mais claras e próximas à branca¹⁹.

Alguns atribuem ao naturalista francês Buffon (1707-1788) as primeiras elaborações sistemáticas de uma teoria sobre o ser humano, na qual se faziam explícitas imagens negativas sobre o meio geográfico e o homem que povoava o continente americano. Ao que se acrescentou a noção de degeneração introduzida no final do século XVIII pelo jurista Cornelius de Pauw (1739-1799) e reforçada, em meados do século XIX, por Morel, que estabeleceu comparações entre o conceito de degeneração e os perfis raciais e culturais de determinados grupos humanos. O termo *raça* é introduzido no meio intelectual no começo do século XIX por Georges Cuvier (1769-1832), “inaugurando a idéia da existência de heranças físicas permanentes entre os diversos grupos humanos”. Por sua vez, Gustavo Le Bon (1841-1931) estabeleceu comparações entre as espécies animais e o ser humano e contribuiu para difundir a idéia de *raça* preferencialmente à de espécie²⁰.

De sua parte, Taine (1828-1893) amplia o conceito de *raça*, como noção biológica, para a idéia de nação, ao mesmo tempo que o conde Gobineau (1816-1882) publica em 1853 o *Essai sur l'inégalité des races humaines*, introduzindo a noção de degeneração da *raça* como resultado da mescla de espécies humanas diferentes. Além do mais, Paul Broca (1824-1880) postula a idéia de que as diversidades que se observam na natureza humana, derivam diretamente das diferenças na estrutura racial, utilizando a medição craniana como principal elemento de classificação. Concepção compartilhada por Cesare Lombroso (1835-1909), professor italiano e fundador da criminologia, que definiu, com base em medições antropométricas, uma tipologia dos sujeitos criminosos ou potencialmente criminosos²¹.

¹⁸ Benedict Anderson, *Op. cit.*, p. 60.

¹⁹ Peter Wade, *Gente negra, nación mestiza: dinámicas de las identidades raciales en Colombia*, Santafé de Bogotá: Siglo del hombre, Uniandes, 1997.

²⁰ Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 43-66.

²¹ *Ibid.*

O enfoque determinista com que se definem as raças, próprio desta perspectiva, concebe a relação entre natureza e cultura como simples e unidirecional, como se fosse apenas a primeira a traçar o rumo da segunda e não categorias em permanente interação. “O discurso racial tem uma tendência naturalista, mas isto não se deve à apropriação não mediada de fatos naturais para fins sociais; é um efeito da constituição social do próprio reino da natureza. Para o comum das pessoas não é natural que a diferença fenotípica seja um problema que deva se explicar; o problema surge de um certo contexto social que incide na percepção dessa diferença e das idéias que suscita”²².

Desta maneira, enquanto se apresentam tensões derivadas do não cumprimento das proclamações das revoluções burguesas do final do século XVIII, referentes às idéias de cidadania e igualdade, surgem, simultaneamente, novas interpretações que buscam legitimar a desigualdade sob a idéia da diferença, apoiadas, desta vez, em argumentos biológicos e naturalistas. “O discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre a cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico que sobre o arbítrio do indivíduo entendido como ‘um resultado, uma reificação dos atributos específicos de sua raça’”²³.

Ainda que a partir da constituição da Nova Granada, a sociedade tenha experimentado um rápido processo de mestiçagem, como tem sido assinalado por Jaime Jaramillo Uribe²⁴, o imaginário apoiado na discriminação racial, legitimado pela ordem social, continua vigente e, para o século XIX e primeiras décadas do século XX, ainda tem algum peso nos censos populacionais, motivo pelo que incluía-se a categoria racial para a classificação dos indivíduos. Aline Helg afirma, que a partir do censo de 1918, esta categoria não aparece mais para evitar “as tensões entre as diferentes comunidades”, ao mesmo tempo que, para o final da década de 80, a representação quantitativa da população não mestiça é reduzida, concluindo que a Colômbia é “uma nação etnicamente mestiça, mas culturalmente os componentes índio e preto foram parcialmente eliminados pela influência hispânica”²⁵.

Teatro Municipal: cenário do debate; os estudantes: força social que convoca.

Algumas das representações em torno à idéia de nação tomaram forma através do diagnóstico da população, a qual é comparada com o modelo do homem europeu branco ocidental, ao mesmo tempo que se discute como intervir sobre seus corpos para adequá-los às expectativas do modelo civilizador, do ideal derivado de um imaginário nacional que, permanentemente, terá de se defrontar com a diversidade de práticas sociais que se movem sob ritmos e tempos diferentes. Parte deste imaginário foi difundido nas confe-

²² Peter Wade, *Op. cit.*, p. 401.

²³ Lilia Moritz Schwarcz, *Op. cit.*, p. 47.

²⁴ Jaime Jaramillo Uribe, “Temas americanos y otros ensayos”, em *Ensayos de historia social*, Vol. 2, Bogotá: Tercer Mundo, 1989, pp. 105-129.

²⁵ Aline Helg, *La educación en Colombia: una historia social, económica y política*, Bogotá: CEREC, 1987, pp. 37-40.

rências que aconteceram no Teatro Municipal de Bogotá no ano de 1920; vejamos um pouco em que consistiu este debate, seus principais expoentes, suas representações e suas implicações sobre o imaginário nacional e a educação²⁶.

No ano de 1918, o médico Miguel Jiménez López apresentou ao III Congresso Médico Nacional um trabalho no qual expressavam-se diversas formulações sobre a população colombiana, que deixam entrever a percepção que um setor das elites tinha a respeito da maioria da população, aquela que representava, nos discursos, a noção abstrata de nação, mas que, quando tomava corpo, encarnava em setores ameaçados de sucumbir pela pigmentação da pele, por suas condições de saúde, alimentação, educação deficiente e marginalização social e, que inspiravam, acima de tudo, profunda inquietação e desconfiança. No ano de 1920 Jiménez López repetiu sua fala na Sociedade de Cirurgia de Bogotá e o texto foi finalmente publicado pela revista da sociedade²⁷.

No período, quase todos os debates sobre as reformas institucionais passavam pelo problema educacional; por isso, quando Jiménez López referia-se à degeneração da raça, mencionava que esta tinha uma de suas expressões no estado em que se encontrava a juventude. Como já se disse, o movimento estudantil tinha começado a organizar-se impulsionado pelos protestos iniciados na Argentina, assim como pelas transformações experimentadas nos planos nacional e internacional, que deixavam no ambiente a imperiosa necessidade de mudanças profundas e, nos jovens, a sensação de que a eles cabia assegurar um futuro diferente. No ano de 1919 reuniu-se pela primeira vez em Bogotá a Assembléia de Estudantes e no ano de 1922 teve lugar, em Medellín, o Primeiro Congresso Nacional Estudantil. Neste contexto, em 27 de abril de 1920, a Assembléia de Estudantes de Bogotá decidiu fazer seu o problema da raça, estudando a situação na qual se encontrava a juventude, através dos relatórios dos representantes da assembléia sobre seus estabelecimentos educacionais, com o fim de elaborar um documento para apresentar ao governo, às instituições educacionais e à imprensa da capital²⁸. Além disso, a assembléia convocou um grupo de conferencistas ao Teatro Municipal de Bogotá, para debaterem sobre o tema da decadência da raça e suas implicações sobre o problema educacional. As conferências iniciaram-se em 21 de maio e tiveram lugar todas as sextas, às oito horas da noite, por um período de nove semanas consecutivas, em que diversos intelectuais dedicaram-se à tarefa de fazer um diagnóstico sobre as condições da população colombiana, seus principais problemas e soluções, assim como o papel que neste contexto desempenhava a educação.

Foram estes os conferencistas na ordem em que se apresentaram: Miguel Jiménez López (1875-1955), Rafael Escallón (1891-1951), Jorge Bejarano, (1888-1966), Simón Araujo (1857-1930), Luis López de Mesa (1884-1967), Calixto Torres Umaña (1887-1960), Lucas Caballero (1869-1942) e Carlos Alberto Lleras Acosta. Quatro deles eram médicos e tinham realizado pesquisas sobre a população colombiana. Os outros, Rafael Escallón, ad-

²⁶ Ainda que o trabalho refira-se às conferências que tiveram lugar no Teatro Municipal, faremos alusão a alguns dos intelectuais que participaram do debate na época, já que eles também contribuíram para a elaboração das diferentes representações sobre o tema de estudo.

²⁷ Miguel Jiménez López, "Algunos signos de degeneración colectiva en Colombia y en los países similares. El deber actual de la ciencia", em *Repertorio de Medicina y Cirugía*, Bogotá, vol. 11, No. 5, feb. 1920, pp. 227-265.

²⁸ *El Tiempo*, Bogotá, abril 27 de 1920.

vogado, Simón Araujo, educador, Lleras Acosta, sacerdote jesuíta, e Lucas Caballero, um general afastado que tinha combatido na *Guerra de los Mil Dias*. O mais importante a destacar é que estes intelectuais ocupavam e ocuparão lugares estratégicos dentro do campo cultural, ao longo da primeira metade do século XX, seja como professores, pesquisadores, escritores, ou colunistas dos jornais da época, ou ocupando cargos públicos como representantes nas câmaras legislativas, nos ministérios de governo, higiene, educação, etc. Boa parte deles puseram em ação projetos de reformas institucionais nos quais tiveram oportunidade de consolidar seus ideais sociais e educativos.

Conforme a imprensa da época, o teatro esteve quase sempre lotado por um público entusiasta, que, além dos estudantes calculados em cerca de mil, contava com outros setores da opinião pública entre os quais professores, donas de casa, médicos, jornalistas e outros. Como dado curioso, nem todas as conferências foram abertas ao público feminino, e por isso, a cada vez que se anunciava uma delas, informava-se sobre o ingresso “das senhoras”. No mês de outubro desse mesmo ano a revista *Cultura*²⁹ publicou, sob a direção de Luis López de Mesa, boa parte das conferências com o título *Los problemas de la raza en Colombia*³⁰, incluindo-se, aliás, a conferência de Jiménez López que tinha dado origem à polêmica. As conferências de Rafael Escallón e Carlos Alberto Lleras Acosta não ficaram no texto ao que parece por inconvenientes de última hora. A compilação inicia-se com uma introdução de López de Mesa em torno à existência de um movimento de idéias que percorre não só o país mas também o continente americano, na busca do que poderia se denominar “um exame de consciência nacional, que procurava fazer o balanço do passado a fim de encontrar as possibilidades do futuro”; movimento que tinha como pano de fundo a incerteza humana que caracterizava o novo século³¹.

Degeneramos ou não degeneramos? Os conferencistas têm a palavra.

Foi Jiménez López quem iniciou as conferências, sendo acompanhado no pódio pelos delegados da Assembléia Estudantil, Carlos Azuero, Alfonso Araujo e Alejandro Bernate. Segundo o colunista *Calibán* (Enrique Santos 1886-1971), do periódico liberal *El Tiempo*, cada uma das teses, com as quais o psiquiatra expunha os aspectos que caracterizavam o processo de degeneração da raça no país, era recebida por um público veemente que punha-se em pé para bater palmas. Como *Calibán* discordava das teses de Jiménez López, expressava seu assombro frente a este júbilo, dizendo que o conferencista parecia falar “de alguma nação em cujo aniquilamento tivéssemos interesse vital”³². Poder-se-ia pensar que

²⁹ Surgida em 1915 em Bogotá, foi um dos canais de expressão da chamada *Geração do Centenário*. Sua direção esteve a cargo de Luis López de Mesa, Agustín Nieto Caballero e Gustavo Santos, entre outros.

³⁰ Luis López de Mesa (compilador), *Los problemas de la raza en Colombia*. Bogotá: El Espectador, 1920. Segundo volume de la biblioteca de “Cultura”. As conferências aparecem numeradas e ordenadas não exatamente na seqüência em que elas tiveram lugar, mas com base em critérios do editor que desconhecemos.

³¹ *Ibid.*, pp. VI, VII

³² *El Tiempo*, Bogotá, mayo 29 de 1920.

este público sentia-se fora do diagnóstico, quiçá fossem *os outros*, talvez os miseráveis, os que degeneravam e não eles. Afinal era um público letrado o que assistia às conferências e, na época, constituía uma elite minoritária.

Boa parte dos conferencistas distanciaram-se das posições radicalmente deterministas de Jiménez López, que assegurava que a raça estava se degenerando de maneira iminente, tendo como única solução a imigração de população branca européia. Porém, a maioria dos argumentos permanecia próxima ao contexto que caracterizava as ciências sociais no país, carente de especialização e influenciada em boa parte pelo positivismo e pelo darwinismo social. Situação que também tinha muitas raízes na América Latina e que, em geral, provinha da apropriação das teorias eurocentristas que desde o século XIX vinham justificando os processos de colonização³³.

Para Jiménez López, as condições do trópico não tinham permitido o desenvolvimento de grandes civilizações, tal como podia se ver nos casos dos maias, naskas, caribes e chibchas, que só tinham logrado sobreviver por curto tempo. Para ele, a população apresentava “signos incontestáveis de uma degeneração coletiva” que abrangia tanto os aspectos físicos, como intelectuais e morais. Apoiado na idéia de que a miscigenação ocorrida a partir do descobrimento dos espanhóis tinha conjugado os traços de uma raça indígena, que já se encontrava em declínio, com os da raça ibérica que não se acomodava bem às condições do trópico, exemplificava seus argumentos com dados empíricos, coletados majoritariamente em Bogotá e com base nos quais comparava os traços físicos, psicológicos e morais da população nascida no trópico, com as características da européia.

Fundamentava sua posição nas idéias do francês Morel, que havia elaborado em 1857, como já vimos, uma teoria sobre a degeneração, considerada por Jiménez, uma das pedras angulares da psiquiatria, entendendo degeneração como “um desvio doentio de tipo primitivo”, ocasionado seja por causas externas ou internas ao organismo em questão³⁴. Enquanto alguns dos conferencistas identificavam os problemas da raça a causas externas, referindo-se a aspectos como saúde, educação, alimentação, alcoolismo ou falta de desenvolvimento econômico, para Jiménez López existia um elemento inerente ao “nosso organismo social”, uma causa interna “de degradação vital que está no próprio seio de nossas raças”. Tudo o que se distanciasse do modelo europeu ocidental, fosse quanto a estatura, medições craniais, aspectos nutricionais, índices de nascimento,

³³ Para o caso do Brasil este problema tem sido abordado, entre outros, por Vera Regina Beltrão Marques, *A medicalização da raça: Médicos, educadores e discurso eugênico*, Campinas: Unicamp, 1994; Lilia Moritz Schwarcz, *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, *Op. cit.*; Heloísa Helena Pimenta Rocha, “Imagens do analfabetismo: A educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos vinte”, em *Trajeto*, Vol. 2, Nº 4(5), ago., 1995, pp. 17-30. Para o caso da Colômbia, pode-se consultar o trabalho de Henry Holguín, *Descripción y análisis de la polémica de la raza en 1920, en Colombia*, Tesis de grado en Sociología, Cali, Universidad del Valle, 1984; Aline Helg, “Los intelectuales frente a la cuestión racial en el decenio de 1920: Colombia entre México y Argentina”, em *Estudios Sociales*, FAES, Medellín, No. 4, mzo., 1989, pp. 35-54; Javier Saénz, Oscar Saldarriaga y Armando Ospina, *Mirar la infancia: pedagogía, moral y modernidad en Colombia, 1903-1946*, Bogotá: Ediciones Universidad de Antioquia, Foro, Colciencias, Uniandes, 1997; Sandra Pedraza, “El debate eugenésico: una visión de la modernidad en Colombia”, em *Revista de antropología e arqueología*, Bogotá, Vol. 9, Não. 1-2, 1996-1997, pp. 115-159.

³⁴ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia. Psiquiatra. Dictada en el teatro Municipal el día 21 de mayo de 1920”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, p. 45.

nupcialidade, suicídio, loucura, enfermidades venéreas ou alcoolismo, era considerado sinal de degeneração racial e da necessidade de tomar medidas urgentes.

No seu entender, no país algumas etapas haviam sido queimadas e saltara-se de uma “infância exuberante a uma decrepitude prematura”, ocasionada mais por razões biológicas que históricas, o que fez com que “caracteres francamente mórbidos da raça” tivessem presença na história através de “uma série de agitações e mudanças que nos fazem ver como um dos povos mais instáveis do universo”³⁵. Esta crise também se evidenciava na decadência da juventude, manifesta, segundo sua opinião, na falta de poder intuitivo, de observação da natureza e de capacidade para agir de maneira autônoma, devido ao estudo teórico e verbalista a que era submetida nos primeiros anos de educação.

A partir de uma perspectiva que valorizava mais o passado que as transformações que o presente modernizador evidenciava, Jiménez López referia-se às influências negativas provindas das mudanças operadas na cidade, dentre as quais identificava a propagação de “todas as formas de decadência social própria dos grandes centros”, expressas no sectarismo, no fanatismo e na presença de agitadores profissionais. Esta idéia era compartilhada por Luis López de Mesa para quem os processos de modernização implicavam conseqüências nefastas para a raça, referindo-se à ação “dissolvente da civilização contemporânea que, com suas teorias de relativismo científico e filosófico e com sua pressa de viver, de lucrar, de gozar e de brilhar, vai revalorizando, senão invertendo, os valores morais”. Parte destes desvios expressavam-se na profunda transformação da família, que felizmente não tinha conseguido alcançar, ainda, “a cepa de nossas preclaras estirpes”, mas sim a raça aborígene, devido “ao duro esforço econômico e às necessidades de seu viver cotidiano “, manifestando “pouca coesão nos laços familiares e muita crueldade em seu trato mútuo”³⁶.

Opinião diferente sobre o presente e suas transformações tinha Alfonso Castro (1878-1943), médico antioquenho que escreveu um livro sobre a degeneração³⁷, polemizando com as teses de Jiménez López. Para ele, a cidade, seus hábitos e formas de representação constituíam-se no paradigma a seguir. Deste modo, refere-se a alguns dos inconvenientes da vida nos povoados menores, movida por um clero dogmático e tirano que alia-se aos caciques e leva o povo a comportar-se de maneira resignada, o que é segundo ele, uma “virtude dos vencidos”. Os que se liberam procuram as cidades, “onde se respira um ar menos rarefeito e onde se tem direito a uma pequena prosperidade de corpo e alma”, deixando atrás moradores caipiras que “permanecem estacionários e dominados, sem queixas nem protestos, convencidos de que os vãos do pensamento são graves faltas e de que a passividade é virtude excelsa”³⁸. Se para Castro a cidade representa o modelo cultural que aviva o processo de estruturação das novas formas de vida, Jiménez López e López de Mesa mostram-se reticentes e refugiam-se na saudade de um passado bucólico, talvez inexistente, mas com certeza mais seguro do que um presente em transição e um futuro incerto.

Frente ao panorama traçado por Jiménez López impunham-se duas iniciativas para solucionar o estado da raça: a reforma educacional e o fomento da imigração. A seu ver, as

³⁵ *Ibid.*, p. 26.

³⁶ Luis López de Mesa, “Segunda Conferencia.”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, pp. 101-102.

³⁷ Alfonso Castro, *Degeneración colombiana*, Medellín: Arango, 1920.

³⁸ *Ibid.*, p. 86.

instituições educacionais e docentes não cumpriam “a missão de formar homens completos para a luta pela vida”, fabricando, pelo contrário, “essa modalidade incompleta e moralmente mutilada de nossas coletividades”. Acrescentava que “a base fundamental de nossa regeneração educacional é a formação de professores”, propondo um “intercâmbio de inteligências com os países avançados em práticas educacionais”³⁹, que poderia se cristalizar através de uma missão docente estrangeira que viesse ao país para formar professores e outra nacional que fosse ao estrangeiro para “assimilar os mesmos métodos em seu próprio lugar de origem”⁴⁰.

No entanto, Jiménez López sublinhava que a base do problema era de ordem biológica antes que educativa, social ou psicológica pois, segundo seu critério, a educação não era “o fator primeiro na evolução das sociedades humanas; ela não pode senão criar um hábito; não faz senão organizar o que a herança tem transmitido em bloco”, motivo pelo qual convidava a fundar “por meio da herança e da procriação, algo diferente e digno de ser fixado pela educação”⁴¹. Para isto era necessário promover uma “corrente copiosa de imigração de raças sãs, fortes e disciplinadas por hábitos seculares de trabalho e isentas, o quanto possível, das doenças sociais que estão determinando nossa regressão”⁴².

Além disso, Jiménez López fazia eco ao modelo de homem europeu que estava se tornando hegemônico, aconselhando privilegiar cruzamentos que permitissem “a evolução para o tipo de beleza física admitido hoje no mundo”, como “condição primeira no melhoramento das raças”. Por este motivo, rejeitava a imigração de japoneses, pois a semelhança entre os traços físicos destes com os dos indígenas conduziria a uma regressão ao se produzir uma mistura com exemplares característicos da raça mongólica⁴³. Com respeito à raça negra, Jiménez afirma que nas regiões de climas baixos e no litoral, “uma onda de sangue de cor escurece dia a dia nossa população imprimindo-lhe por sua vez seus traços morfológicos e suas reações morais”, acrescentando, com certo preconceito, que “os países onde o elemento de cor vai sendo preponderante têm caminhado lenta mas seguramente para o estado de tutela e de protetorado de outras raças melhor dotadas”, tal como podia se apreciar em Santo Domingo e Haiti⁴⁴. Ainda que indígenas e pretos apresentassem capacidade adaptativa frente às condições do trópico, tinham-se “mostrado, até hoje, incapaz-

³⁹ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia”, em *Los problemas de la raza*. *Op. cit.*, p. 72.

⁴⁰ No decurso da década duas iniciativas tentam dar resposta a esta inquietude, que não era exclusiva de Jiménez. Uma delas foi a de trazer ao país de uma missão pedagógica alemã no ano de 1924 com o objeto de elaborar um projeto de reforma educativa nacional, que foi rejeitado pelos interesses religiosos e partidários no nível local, mas cujas recomendações foram incorporadas ao longo da primeira metade do século XX. E a outra, trazer vários pedagogos alemães tendo à frente Julius Sieber e Franziska Radke no ano de 1926, com o fim de propiciar a reforma das instituições formadoras de professores em Bogotá e Tunja, com base em contatos estabelecidos por Jiménez, que nesse momento encontrava-se como embaixador em Berlim.

⁴¹ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia”, *Op. cit.*, pp. 73-74.

⁴² Miguel Jiménez López, “Algunos signos de degeneración colectiva en Colombia y en los países similares. Memoria presentada al Tercer congreso médico colombiano, reunido en Cartagena en enero de 1918”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, p. 37.

⁴³ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia”, *Op. cit.*, p. 75.

⁴⁴ Miguel Jiménez López, “Novena conferencia. Segunda del Doctor Jiménez López y última de la serie”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, pp. 352-353.

zes de produzir, e nem ao menos de assimilar as altas formas da cultura humana”⁴⁵. Na sua opinião, era necessário seguir os exemplos da Argentina, Uruguai, Estados Unidos e sul do Brasil, onde tinha-se dado prioridade à imigração de raça branca⁴⁶. Assim, “uma corrente de imigração européia suficientemente numerosa iria afogando pouco a pouco o sangue aborígine e o sangue negro que são, na opinião dos sociólogos que nos têm estudado, um elemento permanente de atraso e de regressão em nosso continente”⁴⁷.

Assim como a maioria dos intelectuais do período, Jiménez López vai identificar na mulher um agente social importante no que se refere ao cuidado da raça e, portanto, na consolidação da nação, aconselhando às mulheres provindas das classes pobres a tomar “consciência de seu dever como mães”, e às das classes altas a romper com o sedentarismo e a clausura⁴⁸. Igual opinião tem, neste sentido, seu contraditor Alfonso Castro, para quem a mulher constitui um fator importante no fortalecimento da raça, ao mesmo tempo que destaca como ideal da “nova mulher”, o que está se moldando nos centros urbanos⁴⁹.

Muito próximo às idéias de Jiménez López, encontrava-se o médico Luis López de Mesa, que foi um dos primeiros intelectuais a fazer estudos de corte tanto psicológico como sociológico na Colômbia. Ao fazer uma descrição da população nas distintas regiões do país, identificava os inconvenientes causados pela heterogeneidade, tanto étnica como geográfica, na construção de uma república unitária⁵⁰. Ainda que falasse de uma mescla ideal das distintas *raças regionais*, tirando as melhores qualidades de cada uma, também era partidário de uma política de imigração⁵¹, pois ao analisar as características das etnias que compunham a população, expressava suas reticências a respeito dos indígenas e dos pretos. Quando se referia aos indígenas, descrevia-os como uma raça decaída que possuía a “índole dos animais débeis carregada com a malícia humana”, expressão de povos no final de seus dias⁵². No que diz respeito aos pretos, argumentava que a observação sobre sua presença nas civilizações européia e americana impunha um “critério pessimista para um futuro longínquo em que o influxo do sangue escuro predomine”. Propõe políticas de imigração segundo as necessidades regionais e para reforçar a soberania nacional, sonhando “com um produto de seleção, se o preparamos desde agora e desde agora lhe evitamos os mil perigos que o rodeiam”⁵³.

⁴⁵ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia”, *Op. cit.*, p. 47.

⁴⁶ No ano de 1923 quando Jiménez López era ministro de governo, emitiu-se a lei 114 na qual fomentavam-se e regulamentavam-se as migrações “com o fim de propender ao desenvolvimento econômico e intelectual do país e ao melhoramento de suas condições étnicas, tanto físicas como morais”, privilegiando “a imigração de indivíduos e de famílias que por suas condições pessoais e raciais não possam ou não devam ser motivo de precauções a respeito da ordem social ou do fim que acaba de se indicar”; ao mesmo tempo que ficava “proibida a entrada ao país de elementos que por suas condições étnicas, orgânicas ou sociais sejam inconvenientes para a nacionalidade e para o melhor desenvolvimento da raça”, em *Diario oficial*, ano LIX, No. 18693 e 18694, Bogotá, 8 de enero de 1923, pp. 33-34.

⁴⁷ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia”, *Op. cit.*, p. 74.

⁴⁸ Miguel Jiménez López, “Primera conferencia”, *Op. cit.*, p. 35.

⁴⁹ Alfonso Castro, *Op. cit.*, pp. 74-75.

⁵⁰ Luis López de Mesa, “Segunda Conferencia”, *Op. cit.*, p. 98.

⁵¹ Luis López de Mesa, “Tercera Conferencia”, *Op. cit.*, p. 133-134.

⁵² Luis López de Mesa, “Segunda Conferencia”, *Op. cit.*, p. 106.

⁵³ Luis López de Mesa, “Tercera Conferencia”, *Op. cit.*, p. 130-132.

Em relação ao enfoque biológico de Jiménez López, López de Mesa salientava suas próprias contribuições em termos de análise cultural e política, entendendo, como Taine, a idéia de raça como nação, dizendo que havia estendido a visão “da raça como sangue”, “à raça como espírito e também como nacionalidade”⁵⁴. Ao falar da nação, diz que esta formou-se com o processo de independência sem que existisse o espírito de nacionalidade, já que os caudilhos que fizeram sua causa independentista não tinham critérios para a constituição da nação, tendo sido movidos por uma “vaga aspiração americanista”. Quando se apresentou este espírito nacionalista, não existia um conceito político, o que foi motivo de guerras civis, pois os partidos políticos não tinham, ainda, uma clara configuração nem representação. Como muitos dos intelectuais deste período, considerava que “o século XX surpreendeu-nos sem ter formado a república” e “sem igualdade dos partidos ante o exercício da democracia”. Foi no ano de 1910, com as reformas constitucionais que deram representatividade aos dois partidos tradicionais, ao possibilitar ao então minoritário partido liberal participar da barganha política, que se criou “a unidade espiritual da república”. Contudo, persistiam problemas relacionados com a “ausência de recursos fiscais e econômicos”⁵⁵. Fiel ao mecanismo de *invenção das tradições*, que mencionávamos no início deste texto, assim como muitos dos intelectuais, ele falava de uma vida de “tradição civilista e amor à democracia”, que parecia vir desde o princípio dos tempos. Deste modo, ao mesmo tempo que destaca que há apenas dez ou vinte anos o país vinha de uma série de guerras civis que o dessangraram ao longo do século XIX, este argumento não o impede de afirmar que, a partir das reformas de 1910, a existência da democracia e da tradição civilista tem caráter “secular”.

López de Mesa insistia na importância da língua como parte da identidade nacional e na necessidade de unificar por meio da escola primária os diferentes acentos regionais, assim como de solucionar os problemas que apresentavam as classes populares. Era necessário, então, seguir o exemplo de “as nações mais avançadas” que “cuidam de seu idioma, como expoente cultural, como depositário do espírito de suas raças e da modalidade nacional que as informa, diferencia e guia, e como veículo inestimável de suas próprias idéias, caráter e sentimentos”⁵⁶.

Ele tinha feito, aliás, pesquisas sobre a população escolar concluindo que o desenvolvimento intelectual das crianças colombianas era semelhante ao das norte-americanas, situando os obstáculos para seu desenvolvimento nas deficiências da escola e da família, especialmente no caso das classes pobres, o que não lhes permitia alcançar um nível satisfatório “como preparação para a cidadania, e menos ainda para a vida de uma democracia como a nossa”. Para ele as classes humildes só alcançavam 35% do termo médio de erudição, equiparável à “experiência de uma criança de 10 anos de idade e portanto insuficiente para a luta pela vida”. Assimilando o conceito de raça com o de classe, dizia que as classes humildes “desamparadas quando comparadas com uma classe ou raça superior, a natureza as compensa com atributos de desconfiança e malícia”⁵⁷.

⁵⁴ Luis López de Mesa, *Ibid.*, p. 138.

⁵⁵ Luis López de Mesa, *Ibid.*, p. 139.

⁵⁶ Luis López de Mesa, “Segunda Conferencia”, *Op. cit.* p. 97.

⁵⁷ *Ibid.*, pp. 97-98.

Os problemas da raça, ou da nação, são sintetizados por López de Mesa em três aspectos: a ameaça à soberania nacional devido aos interesses econômicos dos Estados Unidos no território colombiano; a insuficiência na educação⁵⁸ “que faz do povo uma criança incapaz de lutar vitoriosamente pela vida”; a escassez de recursos econômicos para o desenvolvimento geral do país e para a higiene. Da mesma maneira, identifica alguns “grupos étnicos vigorosos” que, segundo o texto de sua conferência, não hesitamos em afirmar que estão constituídos por população branca e pertencente às elites econômicas e políticas e que, “depois de um século de vicissitudes”, estão “pres-tes a levar adiante a raça e a república”. Conclui, então, que “não tem degeneração mas sim perigos, e que esses perigos são de morte”. Finaliza sua conferência com otimismo sobre a força que vem do exterior materializada em imagens de riqueza e de novos ideais de homem, afirmando que com o “capital estrangeiro vai chegando novo sangue de imigração, sobretudo alemão, cujas virtudes domésticas darão entre nós ótimos frutos de seleção”⁵⁹.

Jorge Bejarano iniciou sua intervenção com uma citação de Alfonso Castro: “Não estamos perdidos de modo algum. Nossa raça está apenas começando a se formar”⁶⁰. Argumento com que concordavam outros intelectuais como Emilio Robledo (1875-1962)⁶¹, Jorge Martínez Santamaria (188?-1922)⁶², Diego Mendoza (1859-1933)⁶³, que apesar de não terem participado das conferências no Teatro Municipal, escreveram na imprensa e em outros meios de difusão divergindo do que nomeavam a visão pessimista de Jiménez López. Para eles, assim como para Calixto Torres Umaña e Lucas Caballero, as condições da raça estavam realmente marcadas pela debilidade, mas não devido à degeneração e sim às características de um povo em formação, uma raça não consolidada, fruto do processo de mestiçagem ainda não concluído, assim como da pouca idade da república, que tinha só um século de formação, e não esqueçamos que para muitos tinha se consolidado a partir de 1910. Tanto Castro como Bejarano afirmavam aderir ao *Meliorismo*, doutrina baseada na novelista inglesa G. Eliot e no nome dado à sua filosofia de vida, fundamentada em uma visão *equilibrada* sobre os diversos aspectos a considerar em qualquer análise, enxergando sempre a parte perfectível do ser humano.⁶⁴

⁵⁸ Ao mesmo tempo que assinala o *Gimnasio Moderno* como estrela polar para a formação das elites, menciona a criação de uma série de cartilhas para a educação popular que serão distribuídas à “alma mesma da raça”: agricultores, professores de escola, alcaides e párocos, para difundir princípios de indústria, pedagogia, sociologia, moral e religião católica; idéia que não encontra acolhida nos governos conservadores, mas que ele mesmo terá a oportunidade de pôr em ação durante o governo liberal de Alfonso López, onde foi ministro de educação no ano de 1934, pondo em prática a *Campaña de Cultura aldeana* e a *Biblioteca de Cultura aldeana* como parte dela.

⁵⁹ Luis López de Mesa, “Tercera Conferencia”, *Op. cit.* pp. 144, 148.

⁶⁰ Jorge Bejarano, “Quinta Conferencia. Higienista”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, p. 187.

⁶¹ Emilio Robledo, “¿Existe una degeneración colectiva en Colombia?”, em *Repertorio de Medicina y Cirugía, Bogotá*, Vol. XI, No. 10 jul., 1920, pp. 522-543.

⁶² *El Tiempo*, Bogotá, mayo 30 e junio 1 de 1920.

⁶³ Alfonso Castro, *Op. cit.*; Diego Mendoza, “¿Decaen nuestras razas?”, em *El Espectador*, Bogotá, abril 13, 14 e 15 de 1920.

⁶⁴ Alfonso Castro, “Meliorismo”, em *Cultura*, Bogotá, Vol. 2, No. 8, out., 1915, p. 102.

Em sua exposição, Bejarano vai objetar aos argumentos de Jiménez López, questionando a validade científica dos dados estatísticos e das provas empíricas apresentadas por ele, ressaltando seus pontos débeis, ao mesmo tempo que discute a pertinência de aplicar estudos feitos para Bogotá, ao resto do país e aos países que se situam no trópico. Assim como o fazem Alfonso Castro e Diego Mendoza, mostra que não é possível partir da tese sobre a decadência atual dos indígenas contrastando-a com o período pré-hispânico, pois se carece de “dados sobre os traços étnicos que caracterizavam as raças que habitavam a Nova Granada”, ao mesmo tempo que os traços que estes apresentam na atualidade, estão marcados pela dominação a que foram submetidos, não sendo fruto, portanto, “de degeneração celular mas da insólita invasão que derrubou seus deuses, seus costumes e que assolou sua incipiente nacionalidade”⁶⁵.

Bejarano estava convencido, aliás, e talvez nisto coincidissem todos os polemistas, que a raça européia era “moral e intelectualmente superior”, apesar de ter-se visto “impedida para a multiplicação porque seu objetivo não era povoar nem assimilar”, ao mesmo tempo que por “indiferença com as raças inferiores, aglomerou-se, reproduzindo-se com lentidão, nos altiplanos e regiões suaves”. A raça negra não lhe valia um juízo valorativo tão alto como lhe merecia a branca, mencionando que aquela tinha-se multiplicado “prodigiosamente”, povoando “as extensas comarcas de nossos vales e rios”, “favorecida pelo sol tropical, por seus costumes selvagens e por sua escassa intelectualidade e moralidade”. Além do mais, a Colômbia não é resultado de uma só raça, mas da miscigenação que possibilitou “politicamente, o advento de uma democracia”, pois “provado está que a promiscuidade de raças, nas quais predomina o elemento considerado socialmente inferior, dá lugar ao reinado das democracias”⁶⁶.

Expõe a dificuldade de “dar à palavra raça sua verdadeira acepção” e os inconvenientes de falar de raças puras ou superiores, pois, com base nestas percepções, estavam se apresentando na Europa problemas de discriminação. Lamenta a difusão das teses de Gobineau sobre a desigualdade das raças, e afirma que “à medida que a humanidade avança retrocede a teoria das raças”, que tem dado cabimento a ódios e divisões. No seu entender, em teorias deste estilo apoiava-se a “ousadia do ianque” em países como a Colômbia, expressando, deste modo, o mal-estar produzido pelo intervencionismo crescente dos Estados Unidos⁶⁷.

Ante um público feminino, Bejarano dizia que as mulheres tinham o dever de cuidar das novas gerações, já que elas constituíam, como mães, a pátria. Por isso, instava-as a romperem com uma série de hábitos e costumes que estavam em contradição com o modelo cultural introduzido pela modernidade, devendo “adotar hábitos de higiene” e cuidar de “detalhes no vestir, no comer e no asseio” e “no uso ordenado do tempo”, distribuindo de maneira harmônica “o trabalho material com o intelectual”. Finalmente, as interpela dizendo: “mães, lembrai que não há melhor imigração que a de vossos próprios filhos (...) Em vossas mãos está o porvir de nossa raça”⁶⁸. Sobre o público juvenil, Bejarano afirma-

⁶⁵ Jorge Bejarano, “Quinta Conferencia”, *Op. cit.*, p. 188.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 215.

⁶⁷ Jorge Bejarano, “Sexta Conferencia”, *Op. cit.*, pp. 231-235.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 215.

va que a iniciativa tomada pelos estudantes, ao organizar as conferências querendo debater publicamente os problemas nacionais, fazia-lhe lembrar outras épocas em que se discutia o problema da liberdade nos foros públicos. Atitude que indicava “que a raça não degenera, mas, antes, tem novos e vigorosos rebentos”⁶⁹. Referia-se, aliás, aos esforços de renovação educativa,⁷⁰ que adiantavam os diferentes departamentos do país, mencionando o *Gimnasio Moderno*⁷¹ como modelo a seguir. Cheio de otimismo e confiança no porvir, conclui sua conferência articulando três elementos chaves no imaginário de boa parte dos intelectuais do período: deus, nação e progresso, afirmando que “há um Deus para todas as nações: um Deus que as assiste sob a palpável forma do progresso”⁷².

O pedagogo Simón Araujo, aludindo a seus 35 anos de experiência docente, dedicou sua intervenção a rebater as teses de Jiménez López sobre a falta de entusiasmo da juventude pelo estudo e sobre sua escassa capacidade intelectual. Aduzia que os problemas sobre a formação da juventude e outras das dificuldades expostas pelos conferencistas obedeciam à escassez de recursos econômicos, tanto quanto a apatia, interpretada de modo errôneo como degeneração, devia-se à situação de impotência em que os jovens encontravam-se. Assim mesmo, salientava o fato de que as classes humildes apenas começavam a ter acesso à educação. Como Castro, expressava a necessidade de vias de comunicação e de se elevar “o nível moral, intelectual e econômico” das “massas”, por meio “da instrução e do trabalho fecundo”. Menciona a importância de formar professores e de fundar escolas normais que contem com um professorado competente, capaz de implantar métodos e sistemas modernos como o fizeram os pedagogos alemães em 1872⁷³.

Lucas Caballero inicia sua conferência dizendo que do fato da raça degenerar ou não e das soluções que daí possam se derivar, dependem as possibilidades de “nossa vida como nação soberana”. Partindo de sua confiança nos progressos da ciência assevera que a análise da população deve gravitar não só ao redor do aspecto biológico, mas de um problema social que compreende o biológico, o psicológico, o institucional, o econômico e o ético, e cujo estudo compete à sociologia enquanto ciência capaz de abordar o objeto de maneira global. Concorda com López de Mesa, Castro e Bejarano, em que foram vários os troncos étnicos a compor a nação colombiana, motivo pelo qual é difícil falar de uma unidade da raça, já que “todas as nações da idade contemporânea são produto de variedades étnicas que o tempo tem cruzado”. Assinala, aliás, que o progresso não é uno mas múltiplo e complexo. Questiona o conceito de raça como unidade biológica, referindo-o, antes, aos Estados nacionais e, portanto, a uma unidade ideológica, mais que orgânica ou biológica. Este fenômeno vinha

⁶⁹ *Ibid.*, p. 217.

⁷⁰ É necessário ressaltar que Bejarano, através da docência e de diferentes cargos públicos, dentre os quais contava-se a direção do departamento de Higiene, foi um abandeirado da educação higienista e da luta contra o alcoolismo, em especial o chichismo (de chicha, modalidade de bebida fermentada com base em milho ou arroz). Ver: Sandra Pedraza, *Op. cit.*, Javier Sáenz, *Op. cit.*

⁷¹ Estabelecimento fundado em Bogotá por um grupo de empresários encabeçados pelo pedagogo liberal Agustín Nieto Caballero, constituindo-se em uma das instituições pioneiras na difusão e aplicação dos princípios do escolanovismo, alcançando renome internacional.

⁷² Jorge Bejarano, “Sexta Conferencia”, *Op. cit.*, pp. 252-254.

⁷³ Simón Araujo, “Séptima Conferencia. Institutor”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, pp. 258, 286, 271.

se dando em outros lugares do mundo e consistia “na homogeneização de crenças, de sentimentos e de interesses comuns que a história vem produzindo devido a duas grandes forças biológicas: a da adaptação e a do cruzamento”⁷⁴.

Fazendo uma comparação entre o indivíduo e a sociedade, ressaltava que a alma nacional estava constituída, assim como a dos indivíduos, pela “ síntese de todo seu passado, a herança de todos seus antecessores e o resultado de suas atuações”, síntese que era decantada através de sucessivas gerações e fazia-se “todo-poderosa nos domínios do inconsciente”. Por este motivo, era necessário que os povos assimilassem as tradições que lhes eram próprias, a fim de se tornarem idôneos e poderem dirigir seus próprios destinos. Esta *bagagem cultural* elaborava-se e difundia-se através de processos formativos dados em diferentes espaços sociais; *bagagem* que, quando interiorizada, constituía-se em “espírito”, em “alma nacional”, em “psicologia coletiva”⁷⁵.

Deixando claro o caráter elitista de sua concepção sobre a configuração da nação, destacava que “as classes dirigentes, a elite das sociedades” são “as que dão impulso e definem o rumo dos povos”, pois quando “as massas populares, em vez de serem dirigidas, são diretoras, o retrocesso tem sido uma lei histórica infalível”. Nesta mesma linha, argumenta sobre a importância que tem para todo cidadão tomar consciência dos seus deveres cívicos, mas acrescenta de imediato que isto é prioritário no caso das “classes altas e cultas da sociedade”, para garantir “o governo republicano”, que é a “forma de expressão do caráter nacional”⁷⁶. Recomenda, como medida para fortalecer a raça, melhorar a educação em todos os níveis, desde o ensino primário até o universitário, dando ênfase à educação física e psicológica como garantias de indivíduos com energia e vontade. Não é contra a imigração, mas diz que é necessário prestar atenção para não perder “nossa identidade e bandeira soberana”⁷⁷.

No que se refere às estratégias que foram delineadas para o fortalecimento da raça, todos os conferencistas coincidiram na importância da educação higienista, entendida como a possibilidade de inculcar novos hábitos e costumes relacionados com o cuidado do próprio corpo, e também com as moradias, os locais escolares e de trabalho. Idéias que expressavam disposições sobre os cuidados da força de trabalho e que esperava-se fossem acolhidas nos distintos espaços sociais. Calixto Torres diz que a Higiene deve se constituir em uma ciência independente cujo objetivo primordial seja servir à pátria⁷⁸. Para Emilio Robledo “paz, higiene e educação segundo as necessidades modernas, tal é, em síntese, o tripode terapêutico para a cura desta enfermidade de atraso de que padecemos”⁷⁹.

Alfonso Castro assegura que a higiene constitui a salvação dos povos intertropicais, que se apoia na educação e suas possibilidades de infundir no lar, na escola, no meio social, os

⁷⁴ Lucas Caballero, “Octava Conferencia. Sociólogo”, em *Los problemas de la raza en Colombia*, *Op. cit.*, pp. 293, 295.

⁷⁵ *Ibid.*, pp. 296-297.

⁷⁶ *Ibid.*, pp. 298, 318.

⁷⁷ *Ibid.*, pp. 327-329.

⁷⁸ Calixto Torres Umaña, “Cuarta Conferencia. Fisiólogo”, em *Los problemas de la raza*, *Op. cit.*, pp. 180-182.

⁷⁹ Emilio Robledo, *Op. cit.*, p. 541.

hábitos necessários para o cuidado e fortalecimento da raça. Indica, aliás, a necessidade de introduzir uma “legislação científica sobre operários e sobre casas de aluguel para estes e para as classes sociais com poucos recursos”⁸⁰. Neste mesmo sentido, Jiménez López referia-se à importância de regulamentar o trabalho das classes operárias evitando o excessivo esgotamento físico, indicando a higiene como uma das medidas terapêuticas para fortalecer a raça mestiça. Para Eduardo Santos, esta nova atenção para com os problemas sanitários, o melhoramento e proteção da raça e da infância, o estímulo ao ensino industrial técnico e a preparação eficiente para o trabalho eram prioridades do Estado que, a partir de uma nova concepção, devia proporcionar a todo cidadão condições mínimas, transformando o que “antes era caridade pública ou simples beneficência”, em “assistência pública”, em um dever e uma obrigação social⁸¹.

O outro aspecto a salientar tem a ver com as referências de ordem psicológica que se fazem sobre a raça, quando se fala do povo, da raça de carne e osso, ou quando se fala da raça como substrato, como equivalente da nação. Geralmente mencionam a falta de vontade, de capacidade de previsão, o temperamento emotivo, a ausência de critério próprio, em síntese, a pouca capacidade para controlar as emoções e instintos, para ter domínio de si⁸². Por este motivo, um dos objetivos principais que a educação deve atingir é o de possibilitar ao indivíduo o controle de si mesmo, através da disciplina, da higiene mental e corporal. Dessa maneira, os intelectuais percebem que as mudanças sociais acontecidas nos últimos séculos estão acompanhadas de transformações nas estruturas mentais e afetivas dos indivíduos, mudanças que se apoiam em uma progressiva diferenciação, tanto das estruturas sociais como dos indivíduos⁸³. Isto conduz, então, a que as elites considerem, quando tentam identificar os novos elementos de socialização que garantam a formação dos *homens novos*, aspectos relacionados com a moldagem de disposições psicológicas que conduzam a uma maior racionalização dos comportamentos individuais, à regulação das paixões espontâneas, ao desenvolvimento de autocontroles, ao *governo de si*⁸⁴.

Fim do ciclo das conferências: o balanço de Jiménez López.

Ao final das conferências, Miguel Jiménez López reconheceu que a maioria dos expositores havia se pronunciado contra sua tese da degeneração da raça, fazendo-o admitir sua “derrota diante desse conjunto muito respeitável de idéias, afetos e sentimentos que se chama opinião nacional”; não se declarava, porém, vencido ante sua própria consciência, destacando o consenso sobre o fato de que a “raça colombiana” tinha problemas a resolver⁸⁵. Prosseguindo, destaca o predomínio dos mestiços no país, suas potencialidades,

⁸⁰ Alfonso Casto, *Degeneración colombiana*, *Op. cit.*, p. 87.

⁸¹ “Editorial”, em *El Tiempo*, Bogotá, mayo 24 de 1920.

⁸² Miguel Jiménez López, pp. 19, 62; Luis López de Mesa, pp.100, 138; Lucas Caballero, p. 327, em *Los problemas de la raza en Colombia*, *Op. cit.*

⁸³ Norbert Elias, *El proceso de la civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*, México: Fondo de Cultura Económica.

⁸⁴ Yves Déloye, *École et citoyenneté. L'individualisme républicain de Jules Ferry à Vichy: controverses*, Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1994.

⁸⁵ Miguel Jiménez López, “Novena conferencia”, *Op. cit.*, p. 333.

mas também suas limitações. Diz que diferentemente às dificuldades evidenciadas pelas raças indígenas, preta e branca para sobreviver no trópico, a raça mestiça tinha conseguido maiores possibilidades de adaptação, sendo a mais organizada e “um produto que, com higiene e educação apropriada, poderia chegar a ser capaz de alguma eficiência coletiva”. Isto, sem deixar de sublinhar que o mestiço “até hoje, pela falta de domínio próprio, tem sido visto como pouco organizado para a vida democrática e autônoma”, como assinalavam as experiências da Bolívia, Paraguai, México, Peru e países de América Central, nos quais se registrava uma história política agitada⁸⁶.

Posteriormente expressava, à sua maneira, outras das tensões presentes no conceito de nação que se debatia no período, as que aludiam às relações entre as elites e o povo, a qual destes dois pólos tinha maior peso, qual representava a legitimidade da nação, em que lugar da pirâmide social situavam-se um e outro, qual era a cor da raça nacional que representavam. Assim, para o psiquiatra, as diferenças entre a elite e o povo constituíam “o verdadeiro problema sociológico de nossas nacionalidades”, representando (de modo indireto), as elites como o setor branco da sociedade, que vivia nos “centros onde há um florescimento industrial e capitalista que tem sido imposto pela força expansiva dos outros povos”; diferentemente, existia, também, “toda essa massa enorme de homens pretos, pálidos, cobreados, tão colombianos como nós mesmos, que necessitam saber no mínimo o que é a liberdade e o que é a pátria; que reclama em silêncio de uma nação que os tem olhado de soslaio e que tem deixado que seu cérebro se atrofie e que seu vigor se extinga”. Sublinhava o descompasso existente entre o ritmo do progresso que estava sendo liderado pelas elites e esta massa, 97% da sociedade, que o “impede e entorpece por inferioridade orgânica e por inferioridade mental”⁸⁷. Ao afirmar que o povo constitui o fundamento da república, pergunta às elites se estão dispostas a continuar o processo de modernização, com um povo que é um peso morto ou se, pelo contrário, querem remediar seus males e “assimilá-lo”, tornando-o parte da nação. Instava, então, a procurar soluções apoiadas na ciência, na educação e, é claro, na imigração. Termina sua intervenção expondo seu maior sonho sobre a raça colombiana e o modelo de nação americana a ser seguido, dizendo: “abramos nossas fronteiras a todos os ventos de renovação e a todas as raças fortes e formosas do universo, pois assim chegaram ao ápice os Estados Unidos e a Argentina”⁸⁸.

A imprensa não deixou de fazer comentários elogiando a importância da polêmica no Teatro Municipal. Destacando as qualidades e preparação científica dos expositores tentou-se um balanço otimista, por cima das posições catastrofistas de certos conferencistas, pois, apesar dos problemas e da necessidade de lhes dar solução, o fato é que a “Colômbia não declina(va)”⁸⁹. Outro artigo afirmava que Jiménez López convocou na sua intervenção “as três forças defensivas da raça e do porvir: os grupos privilegiados, que são na República como a aristocracia do saber (...); a juventude universitária, a fim de que se prepare

⁸⁶ *Ibid.*, p. 354.

⁸⁷ *Ibid.*, pp.362-363.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 367.

⁸⁹ *El Tiempo*, Bogotá, julio 25 y 27 de 1920.

para defender a herdade, dentro do sangue e o espírito, como cumpre a sua generosidade e a seu destino; (...) a mulher colombiana, para que auxilie, como o sabe fazer, na tarefa gloriosa de elevar constantemente e depurar valorosamente a raça em seus mais apreçados bens do sangue, da soberania e da liberdade”⁹⁰. Nesta citação pode-se ver a superposição simbólica do componente orgânico da nação, constituído pela raça, o sangue, com o componente imaterial, ou espiritual, representado nos valores da soberania e da liberdade, o que por sua vez materializa-se em um território que o contém, em uma “herdade” a defender. Além disso, percebe-se que as forças convocadas constituem minorias, salvo no caso da mulher, a quem se interpela de maneira genérica. O famoso povo de que tanto se fala não parece ter uma presença real no cenário onde se discute sobre sua identidade, pertença, características e participação social.

Simultaneamente desde o mês de agosto, a imprensa começou a anunciar a publicação que faria a revista *Cultura* das conferências, no mês de outubro, organizada por Luis López de Mesa, solicitando a subscrição antecipada, por um valor de 2 pesos, já que a edição seria limitada devido a dificuldades financeiras⁹¹. Simbolicamente a publicação aparecerá em 12 de outubro, data do descobrimento da América espanhola e que constitui em vários países da América Latina uma festa nacional na qual se comemora o *dia da raça*⁹².

O que nos deixam as imagens: algumas coisas a considerar

Como se pôde observar por algumas das referências feitas, a par da polémica no Teatro Municipal, diferentes meios de opinião fizeram eco sobre o debate da raça. Os editoriais dos jornais de maior circulação referiam-se ao tema e diversas publicações difundiam as opiniões dos intelectuais a este respeito. As conferências públicas multiplicaram-se⁹³ e, aliás, a palavra degeneração inspirou em muitos casos o vocabulário da época em campos diferentes ao da polémica sobre a raça⁹⁴. Opiniões contra e a favor assinalavam o rebuliço ao redor de um tema que preocupava a opinião pública no que diz respeito à identidade da nação, à sua assimilação no conceito de raça, ao balanço das tradições e seu reordenamento em torno ao ideário nacional, ao papel que tinham a educação e a cultura dentro do cenário nacional, entre outros aspectos.

Nas preocupações dos intelectuais é possível ler boa parte das tensões que atravessavam o contexto nacional e internacional nestas décadas, marcadas pela consolidação dos

⁹⁰ *El Tiempo*, Bogotá, julio 29 de 1920.

⁹¹ *El Tiempo*, Bogotá, agosto 1 y 11 de 1920.

⁹² *El Espectador*, Bogotá, octubre 13 de 1920.

⁹³ Ao mesmo tempo que se celebravam as conferências no Teatro Municipal, outros cenários como as faculdades de medicina ou de engenharia da Universidade Nacional, a Academia de História ou o Teatro Colón, acolhiam outros conferencistas que também discorriam sobre temas relacionados com a polémica.

⁹⁴ Em *El Tiempo*, foi publicado várias vezes durante o mês de julho, um anúncio sobre escadas elétricas intitulado “Sobre degeneração”, que mencionava em seu texto que “também nossos progressos industriais” são uma prova “de que não degeneramos”.

Estados-nação, pela redefinição geopolítica do mundo depois da primeira guerra mundial, o intervencionismo crescente dos Estados Unidos, a identidade do continente latino-americano, as complicações provindas das novas atitudes e pautas culturais que trouxe consigo o mundo moderno, assim como o surgimento de modelos diferentes do capitalista a partir da revolução russa e da expressão de novas expectativas por parte dos setores populares por melhores condições laborais, de bem-estar social e de participação política, articuladas, às vezes, através de formas de expressão autônoma.

A nação é tratada como um corpo orgânico e, dessa forma, fala-se de seu funcionamento, caráter, temperamento, do mesmo modo que a biologia e a psicologia fazem com os corpos individuais. O biológico e o social constituem dois pólos em tensão quando se quer analisar a nação e seus integrantes: Quais elementos entram em jogo quando se trata de defini-los? Quais saberes são chamados para compor esta rede conceitual? É o ser humano (com todas as instituições socio-políticas por ele construídas) um animal natural, biológico? Ou um animal social, cultural? Cabe seu estudo a biólogos e médicos, donos tradicionais do saber referente aos organismos? Ou são os psicólogos, os sociólogos, antropólogos, historiadores, os chamados a tecer os fios que *revelam* a peculiaridade do ser humano e sua existência no interior dos estados nacionais? Ou são todos ao mesmo tempo? Quais são, aliás, os espaços legítimos para as elaborações sobre esta problemática?

As representações feitas sobre a nação têm uma dupla dimensão derivada do ela que é, digamos, por fora, no nível externo, como corpo orgânico, e o que é por dentro, como um agregado de corpos, composta pela carne e sangue da multidão. Ela é, às vezes, a imagem ideal, outras vezes, a imagem vergonhosa das representações que as elites têm sobre a população. Ora um corpo legislativo coerente e avançado, ora símbolo das massas que a integram e de suas qualidades e defeitos como “raça”. Neste último sentido, as imagens que os polemistas deixam ver mostram que ela é menor de idade, instável e carente de vontade, o que se reflete em suas instituições sociais e políticas; um pouco complexada frente a seus vizinhos sul-americanos mais brancos e receosa com seu vizinho do norte, os Estados Unidos; não sabe muito bem como branquear sua pele mestiça, ao mesmo tempo que considera a Europa, a branca, “como uma raça moral e intelectualmente superior”. O tratamento que se dá ao conceito de raça é ambíguo; umas vezes é singular, outras plural, em certas ocasiões é considerada como um conglomerado de etnias ou como povo, em outras tomada por classe e, em várias situações, tratada como equivalente do Estado-nação. As tentativas por caracterizar as culturas regionais, no nível nacional, assim como as peculiaridades dos países latino-americanos, são definidas com base em argumentos geográficos, raciais e psicológicos.

Não há dúvida de que a maioria dos polemistas identificavam a nação como mestiça, ainda que dito conceito evocasse a eles diferentes imagens; umas que proporcionavam orgulho e outras vergonha, umas em que elite e povo eram um todo indissolúvel, outras em que a elite era a *parte esclarecida* do conceito nação e o povo o *acúmulo de tradições* a superar. Índios e negros às vezes valorizados, outras subestimados, eram sobretudo o “espírito perdido” ou o “passado a superar”, mas definitivamente tempo passado. A democracia era às vezes atribuída ao caráter de *nação mestiça* mas concebida sempre sob a direção das elites. Este argumento, brandido de diferentes maneiras desde o século XIX, estava movido pelas tensões derivadas da busca de uma identidade própria, latino-americana, fundamentada na miscigenação. Representação sobre a qual legitimava-se um sistema polí-

tico apoiado na democracia, mas que se defrontava, ao mesmo tempo, com a imagem eurocentrista que consagrava a construção dos estados nacionais e as idéias de progresso e modernidade sob a concepção do homem branco. Por este motivo, as apreciações sobre as raças indígena e preta encontram-se cheias de elementos contraditórios, quando se discute a apropriação de seus aspectos socio-culturais e de seus traços físicos, para falar da fusão que deu lugar na América Latina a essa “raça cósmica” da que falava o mexicano José de Vasconcelos.

A nação mestiça oscilava entre uma nação que aspirava a ser branca ou se achava branca, que se recriava em imagens de bem-estar e progresso, e outra, na qual se filtravam as cores amarela e negra e que evocava em uma de suas faces miséria e atraso e na outra receio e desconfiança. No debate não é prioritária a participação quantitativa das diferentes raças e etnias no território nacional, o que está em jogo é seu peso cultural e sua participação política, sua incorporação ao conceito de nação, caleidoscópico mestiço em suas múltiplas tonalidades da branca à amarela e à preta, no qual se desmancham as particularidades dessas culturas que ainda são *parte viva* da bagagem social e cultural da nação colombiana.

O que está em discussão, também, é a outra acepção de raça, como noção abstrata equiparável a nação e, portanto, a povo, eufemismo que esconde o debate sobre a participação social e política, o direito à cidadania da maioria da população colombiana, que, em lugar de ser olhada como sujeito político em igualdade de condições, é representada como um caleidoscópico colorido que acrescenta, à discriminação social e à marginalização política, as questões derivadas da cor da pele. Mas além do problema da cor, as tensões sociais ainda presentes, em torno a assuntos raciais e étnicos, estão fortemente atravessadas pelos conflitos derivados da falta de representação social e política da população colombiana. Desta maneira, nação, raça e povo são imagens que se entrecruzam quando se trata de elucidar a identidade da nação colombiana e que levam consigo os conflitos sociais e políticos que têm acompanhado a constituição do Estado nacional colombiano.

Como parte destas representações, os discursos insistem na necessidade de diminuir a distância entre a elite e o povo, integrando este último à nação, ao mesmo tempo em que são enfáticos ao assinalar que a função de direção compete às elites, alertando sobre os perigos de uma sociedade dirigida “pelas massas populares”, já que eles mesmos se encarregaram de diagnosticá-las como infantis e, portanto, incapacitadas para assumir a direção de seus próprios destinos e os da sociedade. Isto irá configurando (ou reforçando?) um modo particular de entender a democracia por parte das elites, concebendo-a de maneira restrita, tanto no plano social como político. Os aspectos da democracia referem-se, também, às tensões derivadas diretamente da representação política, legitimando-se, a partir das reformas de 1910, a participação dos partidos políticos tradicionais no aparato do Estado, sem se fazer uma referência sequer à possibilidade de expressão das outras forças sociais que já marcavam presença no cenário político. Igualmente, a idéia de uma nação civilista, como um dos elementos afins à democracia, instaura-se como tradição secular, sem levar em conta que vinte anos antes uma guerra, a dos Mil Dias, tenha posto fim a uma cadeia de guerras civis que desdizem a “secularidade” da tradição civilista no exercício do poder.

Novos atores emergem no cenário da polêmica; por um lado o estudantado, como geração que interroga os adultos sobre o país que lhes têm sido legado, ansiando por participar das modificações necessárias para se marchar “a par do progresso”. Existe aí uma

tensão de gerações, o desejo de mudar velhas estruturas, trocar o culto ao passado de guerras civis e caudilhos militares pelo culto ao futuro, ao desenvolvimento da economia e do progresso, sob um comando civilista e encabeçado pelas novas gerações. Igualmente, o professor aparece como outro ator considerado fundamental para a “regeneração educacional”; representado, às vezes, como preso pela tradição, marcado pela formação deficiente, a imagem social precária e salário incerto e, outras, como artífice da reforma educativa e forjador da nação. Também ele, através de conferências, assembléias, federações, começa a se constituir como força social que marca presença nas deliberações sobre a nação e as reformas educativas que devem ser introduzidas no período. Contudo, no cenário da polémica, no Teatro, não aparece diretamente visível, mas representado pelos intelectuais que lideram as conferências e que pensam nas reformas institucionais que envolvem o magistério enquanto tal. Além do que, quase todos os conferencistas eram professores em colégios e universidades.

Os intelectuais que foram convocados pelo estudantado ao Teatro Municipal ocupavam lugares estratégicos dentro do campo cultural, o que lhes dava certa *credibilidade* frente à opinião pública. Através de suas conferências tentaram legitimar suas formas de representação da sociedade e suas distintas forças e atuações sociais, apoiados em saberes considerados como científicos e com os quais *respaldavam* suas concepções e práticas sociais. No debate também se percebe o processo de configuração dos estudos sociais como campo autônomo, abrindo caminho entre saberes que inicialmente procedem da medicina, biologia, engenharia, e com os quais, agora, disputam a hegemonia sobre a interpretação da sociedade e suas instituições, em nome da psicologia, antropologia, sociologia e história.

Por outro lado está a mulher, força social que cobra visibilidade e converte-se em elemento vital para o cuidado da raça, ao mesmo tempo que ocupa um lugar dentro do Teatro para escutar o que os especialistas têm a dizer-lhe sobre o porvir da nação; presença que, ao dizer de alguns, dava “realce a esta concorrência” fazendo lembrar “as grandes conferências européias”, se bem que não devamos esquecer que só é admitida em algumas delas⁹⁵. Simultaneamente, por fora deste cenário, através de projetos de lei, ou de diversas publicações, emergirá sua presença e o debate em torno à posição que a mulher deve tomar frente às transformações que se apresentam no período, tanto as que se referem à sua própria identidade como ao papel social que deve desempenhar.

O povo, algumas vezes indefeso frente a sua própria miséria, outras vezes poderoso, quanto à sua possibilidade de subverter a ordem, aparece como um corpo ao qual é necessário dirigir o olhar, que é preciso governar e para isto conhecer. Essa massa que desperta temores por não responder muito bem aos modelos traçados pelo ocidente. Massa que as elites aspiram a converter em cidadã, em membro da nação, através de “educação e trabalho fecundo”, para que chegue a compreender o papel que lhe corresponde dentro de uma sociedade que apesar de ser harmônica é hierarquizada. Massa que é necessário controlar, pois às vezes levanta-se violenta, com ódio e ressentimento para com as elites, ou que pode se sentir representada por grupos políticos diferentes dos partidos tradicionais, talvez gestando por trás das elites outras imagens de nação, dessa nação que leva por dentro a carne e o sangue da multidão.

⁹⁵ *El Tiempo*, Bogotá, junio 6 de 1920.

O desejo de que se acentuem as modificações econômicas, expandam-se os mercados, as vias de comunicação, modifiquem-se os costumes segundo o modo de vida urbano, ainda que com temores e objeções, são também fios que entretecem a reflexão sobre a nação e suas possibilidades de sobrevivência. Mas uma das coisas que mais interessava era o *fator humano*; as reflexões da polêmica sobre a raça estavam articuladas sobre a preocupação de *governar a população*, de inculcar o *governo de si*, melhorando suas condições de reprodução social e laboral. Quem mais claro expressava este interesse era Miguel Jiménez López, ao afirmar no jornal *El Tiempo* que, na América tinha-se chegado à convicção de que “aqui como no mundo inteiro o fruto dos povos não é o pão, nem o ferro, nem o ouro; o verdadeiro fruto dos povos são os homens. Queiramos produzir homens e o restante nos virá por adição”⁹⁶.

Pensar a nação é pensar, ao mesmo tempo, os corpos que a integram; intervir sobre eles é intervir sobre todas as dimensões que os constituem, seus organismos, sua psique, seus costumes, modos de vida. Moldar seu corpo não só psiquicamente, mas também num sentido físico, criando, a partir destas duas dimensões, uma *segunda natureza*, como expressão dos problemas a resolver sobre a natureza biológica e cultural do ser humano. Por isto fala-se de uma educação entendida de maneira abrangente. Educação, saúde pública e higiene constituem três fios da meada que articula as estratégias em torno ao fortalecimento da raça. Campos de intervenção sobre a população no interior dos quais se elabora uma cosmovisão sobre a sociedade, a nação, e a partir da qual se legitimam as diferentes formas de *terapia social*. Estas estratégias tiveram como expressões a idéia da imigração, vista como uma possibilidade de ir branqueando a *nação mestiça*, purificando as heranças de *dúvidosa estirpe*, e a da educação, concebida como um mecanismo de *terapia social*, capaz de contribuir na elaboração e difusão do ideário nacional, na homogeneização de padrões culturais, e de infundir novas formas de ver o mundo.

⁹⁶ Miguel Jiménez López, “El problema de la raza”, *El Tiempo*, mayo 23 de 1920.